O TOCANTINS NO CENTRO DA EXPANSÃO DA FRONTEIRA AGRÍCOLA: UMA RADIOGRAFIA DO MUNDO DO TRABALHO NO CERRADO BRASILEIRO

Dinâmicas socioeconômicas regionais

RESUMO

Os padrões regionais de produção predominantes na região Norte (no bioma amazônico e no cerrado) têm sido integrados aos circuitos globalizados por meio da expansão da fronteira agrícola e do neoextrativismo, provocando impactos, conflitos, destruições e transformando o mercado de trabalho na região. A sociabilidade capitalista e a atuação do Estado, cujo papel tem sido corretivo e retificador, colaboram para formar um quadro heterogêneo e complexo do mundo do trabalho, que vai desde a extensa informalidade aos persistentes índices de escravidão contemporânea. Este artigo tem o propósito de analisar o mercado de trabalho em Tocantins, com foco nas taxas de desocupação, subutilização, informalidade e remuneração mensal, destacando tendências recentes. Ademais, esclarece que a cadeia de valor do agronegócio e o neoextrativismo têm situado o estado de Tocantins no circuito produtivo moderno e na nova dinâmica de acumulação, provocando a corrosão do trabalho regulamentado.

ASPECTOS METODOLOGICOS

A partir da intersecção dos dados quantitativos com referencial teórico – prevalentemente advindo da sociologia e economia do trabalho como: Antunes (2018, 2020), Pochmann (2022), Mészáros (2008), Dörre (2022), analisamos a correlação de Indicadores do Mercado de Trabalho nas Grandes Regiões do Brasil, no decorrer de 10 anos (2012-2022), perpassando por: nível de ocupação; taxa de desocupação; taxa de subutilização; taxa de informalidade.

A desagregação do panorama nacional, para um recorte regional tem fins de introduzir e contextualizar a discussão local acerca do estado do Tocantins no centro da expansão da fronteira agrícola, correlacionando estes dados iniciais aos principais produtos exportados no Tocantins, bem como o número de pessoas ocupadas por ramo de atividade econômica e o rendimento médio mensal real dos ocupado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este artigo teve por objetivo fazer um diagnóstico do mercado de trabalho na região Norte do Brasil, não sem antes destacar que seu cenário é resultado de um capitalismo sistêmico em crise e que adota como solução reformas políticas e da ordem jurídica que tem levado muitas brasileiras e muitos brasileiros ao endividamento, rebaixamento salarial, desemprego estrutural, alta dos alimentos, dentre outros problemas. A nova acumulação promovida por uma reengenharia financeira e produtiva tem sido catalisada e materializada por meio de uma legislação facilitadora de uma expansão que, além de provocar inúmeros conflitos socioterritoriais e ambientais, também não tem trazido quaisquer benefícios quando se trata de geração ou manutenção de empregos formais.

Ao tratarmos geopoliticamente da região Norte, queremos não apenas trazer suas dimensões territoriais e perfil social como é de praxe, mas também situá-la como região onde a expansão da fronteira agrícola tem se dado em grande velocidade nos últimos 20 anos, especialmente sobre o bioma amazônico e cerrado.

A dimensão da expansão e a arquitetura de um novo território produtivo para uma nova acumulação exige que compreendamos o avanço das forças produtivas sobre o capital constante por meio de uma estrutura altamente tecnologizada e informatizada que chamamos de agricultura e agroindústria 4.0. Os investimentos transnacionais, os interesses locais e regionais, somados às iniciativas dos governos federais nos últimos anos em favorecer o setor, potencializam o processo de reprimarização da economia e determinam uma nova divisão social do trabalho. As novas modalidades de contratação permitiram uma explosão do trabalho informal e, consequentemente, da precarização tendo o rebaixamento salarial como principal consequência.

As séries históricas aqui apresentadas e os números mais recentes da PNAD Contínua do IBGE salientam esta questão. Por outro lado, os números do PIB nacional e a participação da região Norte, em especial do estado do Tocantins na comparação, demonstram que há um descompasso entre produção e distribuição de riqueza absolutamente determinantes na vida de milhões de brasileiros que vivem o desemprego e que vivem algum nível de insegurança alimentar.

Não temos dúvidas quanto ao poder das corporações globais, das elites transnacionais e de sua capacidade de influenciar decisões políticas. Assim como também não temos dúvidas sobre os impactos da agropecuária e o neoextrativismo sobre o meio ambiente, conflitos socioterritoriais e implicações diretas sobre os mundos do trabalho.

A insustentabilidade, a destruição e a violação de direitos humanos têm sido marca da expansão da fronteira agrícola sobre a Amazônia Legal e o cerrado. Os dados de importantes agências de pesquisas não nos deixam dúvidas quanto ao seu teor.

Esperamos que as informações aqui apresentadas sejam o início de novos debates e trabalhos acerca do tema e que possamos ter, em um futuro próximo, um quadro cada vez mais contundente não apenas sobre o mercado de trabalho como também ampliando a visão sobre outras variáveis.

A lógica produtiva imposta pelo agronegócio e pelo neoextrativismo têm disciplinado o "livre" exercício da lógica capitalista. A liberdade deles tem sido a escravidão e miséria de muitos.

RELAÇÃO COM A SESSÃO TEMATICA

Discutir os padrões regionais de produção predominantes na região Norte (no bioma amazônico e no cerrado), e mais especificamente no estado do Tocantins, à luz da temática específica das dinâmicas socioeconômicas regionais é de suma importância, uma vez que tais dinâmicas têm integrado o circuito globalizado. Essa inclusão dos padrões regionais se dá em especial a partir da atual expansão da fronteira agrícola e do neoextrativismo, gerando impactos sociais, econômicos e ambientais, tais como conflitos, destruições e transformando o mercado de trabalho na região. A atuação do Estado brasileiro e as dinâmicas capitalistas colaboram para a formação de um quadro complexo e heterogêneo, abrangendo fenômenos do mundo do trabalho como a informalidade e os persistentes índices de trabalho escravo contemporâneo local.

REFÊRENCIAS.

ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. Boitempo Editorial, 2022.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

DÖRRE, Klaus. **Teorema da expropriação capitalista**. Boitempo Editorial, 2022.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Boitempo Editorial, 2008.

POCHMANN, M. **A grande desistência histórica e o fim da sociedade industrial**. São Paulo: Ideias e Letras, 2022.